

editorial
editorial
entrevista
interview
ágora
ágora
tapete
carpet
artigo nomads
nomads paper
projeto
project
expediente
credits
próxima virus
next virus

ENTREVISTA
INTERVIEW

DESENVOLVENDO NOVAS MANEIRAS DE RECONHECER O OUTRO DEVELOPING NEW WAYS OF RECOGNIZING THE OTHER

ROY ASCOTT, ANJA PRATSCHKE

V!21
REVISTA VIRUS
VIRUS JOURNAL

issn 2175-974x
dezembro . december 2020

PT | EN



Roy Ascott é artista. Estudou *Fine Arts* no *King's College*, Londres, com trabalhos exibidos em diversas bienais e festivais de arte em todo o mundo, dentre eles, Bienal da Shanghai, Bienal de Veneza, Bienal do Mercosul Brasil, Trienal de Milão e Festival Europeu de Mídias. No âmbito acadêmico, é Professor Emérito da Universidade de Plymouth, no Reino Unido, fundador e presidente do *Planetary Collegium* e mestre do *DeTao Masters Academy*, em Shanghai, China, onde promove o ensino e pesquisa sobre Arte, Ciência, Tecnologia e Consciência. Desde 2017, é chefe especialista do Instituto de Inovação de Artes Visuais da Academia Central de Belas Artes (CAFA), de Pequim. roy.ascott@btinternet.com <http://www.royascottstudio.com/>

Anja Pratschke é Arquiteta, Doutora em Ciência da Computação e Livre-docente em Arquitetura e Urbanismo. É Professora Associada do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição. É co-coordenadora do Nomads.usp, onde desenvolve e orienta pesquisas sobre processos de projeto, cibernética e organização da informação. pratschke@sc.usp.br <http://lattes.cnpq.br/9669955733350604>

Como citar esse texto: ASCOTT, R.; PRATSCHKE, A. Desenvolvendo novas maneiras de reconhecer o outro. Trad.: Christian Quesada e Anja Pratschke. **VIRUS**, São Carlos, n. 21, Semestre 2, dezembro, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus21/?sec=2&item=1&lang=pt>. Acesso em: 17 Dez. 2020.

ENTREVISTA REALIZADA EM 26 DE NOVEMBRO DE 2020

Anja Pratschke: Realizar e publicar esta entrevista significa, para nós, reconhecer a sua valiosa contribuição à Media Art em um contexto cibernético, ao longo de toda a vida, como educador, diretor e fundador do *Planetary Collegium* e do *Technoetic Arts Studio*, no *DeTao Masters College*, Xangai, China (www.royascottstudio.com). Graças ao seu estímulo e liderança, vários procedimentos e debates sobre métodos de ensino, pesquisa e atividades de extensão foram renovados. Sentimo-nos, portanto, muito honrados por você ter aceito o nosso convite.

Como pano de fundo da nossa discussão, propomos o entendimento de que a pandemia é, sem dúvida, uma imensa tragédia planetária, mas constitui também uma rica e inesperada fonte de insumos para reflexões sobre a comunicação digitalmente mediada, em todos os níveis: seus pressupostos, potencialidades, limites, meios, riscos e consequências. Gostaríamos de saber sua opinião a respeito desta idéia, e como você vê a relação entre a pandemia e o digital.

Roy Ascott: Bem, antes de tudo, a pandemia tornou familiar às pessoas todo o campo dos processos de comunicação digital, por necessidade. Até esse momento, tem havido uma espécie de indiferença em relação ao uso de toda a abrangência dos meios digitais, em grande parte por ignorância, embora o próprio telefone usado pelas pessoas seja intrinsecamente telemático. Mas agora, na era da Covid-19, a ideia de envolver-se de fato em processos deliberadamente digitais é bastante familiar, bastante aceita e bastante preferida. Não

sei quão frequente é esta postura, mas se tomarmos um jornal como exemplo, subitamente, poucos meses após o surgimento da epidemia, muitas pessoas se perguntam o que fazer com estas enormes folhas de papel, tão grandes, e com todas essas páginas. É de uma dificuldade grotesca percorrê-lo corretamente e segurá-lo nas mãos. A TV também: é uma rua de mão única, sem paradas, sem desvios, um entretenimento e informação ao mesmo tempo e consumível. Este é o início de tudo. Acho que a facilidade de uso dos meios de comunicação digitais interativos, no que antes eles tinham de ameaçadores, tornou-se parte do repertório cultural do público em geral. Agora isso se tornou um assunto. Então, este é um aspecto.

Suponho que um segundo aspecto doméstico imediato é o acesso a mercadorias, a escolha de mercadorias, e poder recebê-las, sob encomenda, diretamente à sua porta. É sobre isso que nós mais precisamos falar, porque é aí que [o uso de meios digitais] impacta e é a partir daí que ele se amplia. Precisamos, claro, ver quem, nos últimos dez meses, ganhou eficiência no transporte de produtos e bens não-duráveis. E é por isso que Jeff Bezos, da Amazon.com, é o homem mais rico do mundo. Você diz "Eu quero isto", e praticamente no dia seguinte, a coisa está literalmente à sua porta. Eu acho que isso está mudando muito as coisas. Ao mesmo tempo, tenho consciência da natureza do ato de comprar e do entusiasmo do ato de comprar, do prazer de ser confrontado com uma variedade de produtos e a experiência de prová-los. E da mesma forma, eu suponho, as pessoas gostam de mergulhar nisso digitalmente. Assim, penso que no nível do cotidiano, que é de onde devemos partir, há uma familiaridade com a telemática – com diálogo digital, intercâmbio digital, acesso digital e compra digital. No entanto, o que é preciso agora desenvolver é o sentido imersivo de textura, tato e olfato.

O aspecto seguinte é a questão da transformação – de si mesmo, de posição, lugar e desempenho! Como as pessoas podem agora transformar imagens – o que se tornou possível através de recursos digitais relativamente simples –, fazer escolhas e reunir coisas no dia-a-dia. Isto leva, é claro, diretamente à questão da arquitetura e como a Inteligência Artificial em geral, ou IA, como a praticamos atualmente e o seu desenvolvimento, poderia substituir a arquitetura, de muitas maneiras. Sabemos bem como as escolas de arquitetura geralmente ensinam, baseadas em modelos do passado imediato ou distante. Infelizmente, não encontrei nada além disso. Sinto muito, mas devo dizer que, apesar de exceções, a arquitetura parece ser o ensino e a reiteração de modelos. Para um leigo, é algo inacessível permitir-se devaneios sobre como se poderia morar. Mas penso que, com IA, haverá um desenvolvimento substancial em direção a processos de projeto arquitetônico utilizando IA, conduzidos pelo usuário.

O chamado *design-build* [projeto-construção] passa por cima do arquiteto. Nele, o construtor simplesmente escolhe a janela, as paredes e a porta de catálogos e encaixa tudo junto. Creio que poderemos assistir a um desenvolvimento muito mais sofisticado de escolha individual, onde toda a questão dos subsistemas hidráulico e elétrico, entre outros, pode ser computadorizada, pode ser oferecida como uma solução, através da IA, às preferências individuais. Assim, acho que a arquitetura é um lugar interessante para se observar. É claro, o outro aspecto e talvez o mais fundamental, e certamente central para a sua pergunta é a Educação, é onde e como desenvolvemos. Temos, neste momento, esta situação um tanto quanto bizarra da Covid-19, onde meia dúzia de crianças se sentam a 1,80m de distância umas das outras, fingindo que tudo está como de hábito – afinal, um quadro negro ainda é um quadro negro, etc. etc. –, e ainda assim elas podem entrar na Internet e navegar por outras formas de acesso ao conhecimento, e assim por diante. A crítica, com a qual eu concordo, é que o discurso, que é essencial no ensino escolar, está ausente neste momento. Não creio que já tenhamos resolvido o problema do discurso realmente fluido através de sistemas humano-digitais para o ensino escolar.

No entanto, suponho que a minha principal resposta à sua pergunta é que não há como voltar atrás. Existe uma instrumentalidade digital, com a qual o público em geral está agora mais familiarizado. Eles vêem sua utilidade e acho que ela será cada vez mais aplicada a nossos comportamentos e hábitos. A Covid estimula a evolução de uma sensibilidade digital, tanto para o mundo material quanto, em fim de contas, para questões mais "espirituais", talvez. O outro aspecto disso é o que eu chamo de "rematerialização" da arte. Porque há coisas que acontecem na tela, e quando as pessoas se acostumam a esse tipo de ambiente de tela, auxiliado por sistemas digitais, pode haver uma rematerialização. Acredito que é isso que provavelmente veremos no futuro: novos tipos de materiais e novas funções de materiais, objetos, ferramentas e ambientes. Novas sensibilidades para e com o mundo material.

Anja Pratschke: A Cibernética pode nos ajudar a entender o momento presente? Como a arte - ou a Media Art - pode ser útil como um meio para dialogar com esse chamado "novo normal"?

Roy Ascott: Penso que, desde o início, a Cibernética foi entendida como uma ferramenta segundo a compreensão biológica, como em Ross Ashby, por exemplo. Essa parece ser sua função mais importante. Ela também tem uma função social muito importante além de sua função na engenharia, etc.. A meu ver, é uma ferramenta do socialismo: a ferramenta para cuidar, aprender, compartilhar, construir, através do conceito do organismo. E penso que, quanto mais pudermos levar as instituições sociais a compreender sua forma como organismo cibernético, mais frutíferas elas desenvolver-se-ão politicamente, bem como de outras maneiras. Por isso, acho que a cibernética é uma ferramenta fundamental. Ela também é central para meu estúdio em Xangai. Nós examinamos identidade, comportamento e ambiente através desse enquadramento cibernético de sistemas interativos. Ela tem um lugar central no currículo e informa a prática, fundamentalmente. Não tenho certeza se realmente respondi à sua pergunta, mas essa é minha postura em geral em relação ao valor da cibernética como ferramenta.

Ross Ashby ainda é uma referência importante e fundamental para a compreensão de como relacionar-se com a Consciência, ainda que *Design for a Brain* seja um texto antigo. Alfred North Whitehead, um matemático pré-cibernético e filósofo, propõe um bom entendimento filosófico. E inclusive lendo P. D. Ouspensky e alguns dos místicos russos, pode-se detectar ali as sementes do que eu vejo como sistemas dinâmicos. Esta é, para mim, a direção na qual muitas pesquisas poderiam estar caminhando. Digo isso no contexto do estudo da Consciência, porque eu acho que a Consciência está absolutamente no topo da agenda. Como é possível compreender o processo consciente em termos de comportamento e ambiente, em termos do indivíduo, do grupo, reunindo todas as questões para comunicar, se podemos começar a explorar a consciência mais profundamente? Isto nos leva, é claro, à química. Refiro-me essencialmente à química do cérebro, que nos permite explorar os estados conscientes, e vejo isso com clareza no meu campo. Este será o próximo passo: mídia úmida, como eu a chamo, ou bioarte, caminhando nessa direção.

O que eu quero dizer é que os artistas não vão deixar o digital para trás, mas o processo digital vai apoiar, digamos, nossas intervenções na química do cérebro. Gosto desse *loop* porque ele me leva diretamente ao Brasil, às plantas, e aonde tornei-me ciente, pela primeira vez, do poder das plantas em termos de consciência. Acho que há aí um importante campo de exploração, e adoro a maneira como isso pode levar culturas muito antigas a relacionar-se com culturas atuais.

Anja Pratschke: O que você diria sobre os impactos da pandemia nas culturas locais, os chamados povos originários, como os povos da Amazônia, e até que ponto esses impactos nos abrem a novos entendimentos da noção de globalização?

Roy Ascott: No Brasil, eu passei um tempo curto com os grupos espirituais da Umbanda, do Santo Daime e da União do Vegetal. Talvez o aspecto mais importante que encontrei neste cruzamento tenha sido o fato de que eles eram muito sincréticos. Este é um aspecto muito importante: a celebração do sincrético pela reunião de abordagens variadas e bastante díspares da consciência e da identidade, através do ritmo e do ritual. Encontrei muita coisa lá, especialmente permanecendo com o povo Kuikuro, no Brasil, mesmo que apenas por duas ou três semanas. Teríamos que reexaminar a relação entre um comportamento ritualizado em diversos grupos, como os Kuikuros, as relações entre seus padrões de comportamento, e sua atitude em relação à consciência e ao ambiente natural. Acho que isso precisa ser explorado novamente, e de maneira muito mais profunda.

Já que estamos falando de cibernética, acho que uma ferramenta cibernética seria útil para essa exploração, mas acho também que há muito trabalho a ser feito na análise e imersão dessas práticas da floresta ou advindas da floresta, como o Santo Daime e a União do Vegetal. Sim, isto é a química do cérebro fundamentalmente, é claro. A relação entre química e consciência está totalmente no topo da agenda. O modo como nos engajamos nisso enquanto artistas resta a ser explorado. No passado, atravessamos um período de intenso materialismo: primeiro, a representação de uma espécie de materialismo infantil – "o que eu vejo é o que eu obtenho" [*what I see is what I get*] –, depois, uma espécie de materialismo abandonado, que chamamos de não-figurativo, um expressionismo abstrato ou alguma palavra mais adequada, e, finalmente, uma espécie de desmaterialização da tela. Mas agora é essencialmente um "bye-bye Baudrillard!", uma rematerialização da arte está se desenvolvendo, reposicionada e reconfigurada. Usamos a fotografia para *construir* imagens, impressão para *produzir* estruturas, desenho para consubstanciar diagramas.

No campo da Arte, acredito que devemos revisitamos o trabalho de Duchamp, não como um conceitualista cheio de sagacidade e surpresas, mas para reexaminar o seu *Grand Verre*, A Noiva, por um lado, e seu trabalho final, *Étant Données*, com suas implicações herméticas. Acho que há muito mais a ser explorado nessas obras, e eu colocaria tudo isso sob a rubrica da Consciência. Estas questões sobre a Mente foram em grande medida deixadas de lado desde o Iluminismo, na Europa, por medo ou aversão à religião: o Iluminismo que, na verdade, foi um obscurecimento de muitos entendimentos válidos e mais místicos de mundo. A Era da Razão, na sua pior acepção, alimentou ambições imperiais, de dominação, e a falsa lógica do Capitalismo. Penso nos gastos militares dos Estados Unidos com armas, onde trilhões de dólares são gastos em uma busca mortal pela dominação do mundo, dando continuidade aos horrores coloniais de Portugal, Espanha e Grã-Bretanha.

Na arte da Era Moderna, o impulso colonial ainda desempenha seu papel na forma de Bienais e outros eventos de expansão cultural capitalista ocidental. Hoje todos sabem como os expressionistas abstratos foram apoiados pela CIA que financiou sua turnê pela Europa visando afetar a sensibilidade artística do mundo – mentes como a minha, por exemplo. Eu fui profundamente afetado, na época, pela *New York School*. E esse tipo de coisa precisa ser descoberta, recuperada, reexaminada.

O desenvolvimento da nossa relação com a construção do conhecimento e a Inteligência Artificial, com a natureza da mente e a expansão da consciência nos leva a repensar a estrutura e a natureza da educação. A Covid por si só exigiu isto, ainda que de forma branda. Mas ela estimula a necessidade de se repensar a educação em todos os níveis – virtual e local, onde quer que ela seja oferecida, por quê, quando e como. Quero dizer, considerar muito atentamente até mesmo a implementação de muitos estabelecimentos de ensino, e alguns deles precisamos analisar com muito mais cuidado.

De qualquer forma, em relação à sua pergunta, penso que há muito a se aprender das culturas mais antigas. O budismo, por exemplo, tem sido agora entendido mais como uma prática, em termos do desenvolvimento

da Consciência, do que como uma "religião". Portanto, na compreensão ocidental do mundo, as coisas estão se movendo, e de alguma forma temos que trazer isso para a órbita da formação de artistas, porque eles têm a oportunidade de cortar alguns dos laços e das amarras de antigas sensibilidades. Acho que, de algum modo, isso tem que ser realizado.

Anja Pratschke: Falar em afetar mentes atualmente nos leva às noções de tecnopolítica e tecnoética. A digitalização compulsória de grande parte da humanidade, durante a pandemia, renovou questões como a produção de *big data*, vigilância e privacidade, a construção de bases de dados para inteligência artificial, a disseminação de aplicações computacionais de segurança e controle, e especialmente os muitos usos que se pode fazer de tudo isso, ou quem quer que esteja interessado neste monitoramento.

Roy Ascott: Sim, nós abandonamos a noção de pensamento privado. Odeio atribuir tudo isso ao cristianismo, mas ele é responsável por muitos dos males do mundo e, não menos importante, por essa ideia de pecado e pecar, que, de alguma forma, ignora a compaixão, a compreensão e o amor nas ações humanas. Assim, mesmo que ele tenha nos dado ferramentas que nos permitem inferir algo sobre o comportamento, ainda há coisas que são mantidas ocultas.

É bastante interessante ver a questão da vigilância nos relatórios sobre a China, com pessoas detectadas em aeroportos e estações ferroviárias, sendo focalizadas e identificadas. Ao invés de repressivo, isto pode ser entendido como portador de muitos benefícios. Pode ser um modo muito eficaz, não apenas de rastrear criminosos ou cidadãos desocupados em geral, mas no combate à Covid-19, por exemplo, rastreando os doentes e sintomáticos. Em todos os casos, leis só funcionam bem em sociedades benignas. Elas podem ser distorcidas, da mesma forma que a jurisprudência pode ser distorcida, para os fins de líderes fascistas, que citarão a moralidade como base de suas ações, enquanto usam as leis puramente como uma ferramenta para subjugar.

Acho, portanto, que esta ideia de a identidade ser reconhecida digitalmente e desenvolvida para além do gesto, das roupas que alguém veste, para além do sorriso, do franzir a testa, até a própria consciência, é essencialmente tecnoética. Normalmente, esse tipo de sistema de reconhecimento só é mencionado em histórias duras sobre governos autocráticos. Muitos acham que a China, líder nessa área de reconhecimento digital e tratamento de dados, ainda é governada pelo regime do Presidente Mao. Acho isso grotesco. O sucesso do país no controle médico e político da Covid-19 apenas é igualado por sua pesquisa em engenharia civil, e pelo avanço social e educacional. Em suma, a China é o exemplo mundial do impulso político tecnoético.

Por outro lado, o Ocidente entende muito bem a empresa chinesa Alibaba. O que está acontecendo na China, comercialmente falando? Eles têm tido avanços incríveis: na engenharia civil – os edifícios, as pontes e as aeronaves –, na pesquisa médica avançada e centros de saúde brilhantemente equipados, e assim por diante. Mas, sim, eles dizem: "em todo lugar há guardas armados rondando, olhando para você, no aeroporto, na estação ferroviária, na rua, e vendo que você deve dinheiro à Receita Federal, ou expressa dissidência social ou algo assim, e eles vão prendê-lo!". É claro que isto é uma enorme distorção, muitas vezes motivada politicamente e aberta à exploração política. Entretanto, os sistemas de reconhecimento digital não são, no momento, de domínio público. Eles estão sob controle do governo, nas mãos das autoridades. É claro que, se permanecerem apenas neste domínio, estarão passíveis de abusos tremendos. Mas, de maneira mais positiva, eu acho que, com essas tecnologias de reconhecimento, estamos desenvolvendo novas maneiras de reconhecer e entender o Outro. Não simplesmente com base na visão e na audição, no tato e no olfato, nos gestos e na localização no espaço, mas em um sentido mais fundamental, através de processos tecnoéticos digitais.

Isto nos dá acesso a uma nova maneira de entender o outro. Aprenderemos a nos comportar com novos sistemas de sinalização e reconhecimento. Eles se somarão ao nosso repertório de compreensão, quando forem devidamente entendidos e empregados. Trata-se de outro elemento a ser incluído nas fases iniciais da educação, de forma que não vejo isso como uma ferramenta fascista de vigilância e controle. Entendo que se trata de mais um elemento na condução do nosso sistema sensorial. Na compreensão emocional, intelectual e espiritual do Outro, acho que ainda há muito a ser explorado, francamente.

Anja Pratschke: Esta é uma perspectiva muito interessante. Como seus projetos atuais dialogam com a China? Quais são seus projetos?

Roy Ascott: Bem, no momento, estou tentando dar sentido ao acervo que constituí. Tenho uma enorme quantidade de material, reunido ao longo de muitos anos, e estou procurando descobrir como armazená-lo de maneira a poder ser acessado. Estou trabalhando nisso, buscando fazer emergir um entendimento do meu percurso através de todos esses campos da cibernética e de diferentes culturas. Sabe, eu tenho uma carreira interessante – fui demitido cinco vezes por causa da minha reestruturação "radical" de algumas instituições importantes (!). Estou interessado em re-rastrear, de várias maneiras, essa trajetória.

A estrutura do meu DeTao Studio, em Xangai (www.royascottstudio.com), eu vejo como um paradigma em evolução. Muito do meu pensamento atual está em meu estúdio em Xangai, porque para mim ele é a realização de tudo que tenho tentado fazer em Arte Educação ao longo dos anos, e é onde, finalmente, tenho recebido suporte absoluto. O currículo e os alunos refletem perfeitamente isso. Acho que as pessoas estão realmente florescendo a partir do que está sendo desenvolvido lá. Por causa da Covid, o oferecimento do curso é transformador. Pode-se dizer que meu pessoal e eu estamos telematicamente muito próximos e unidos! Como eu disse, também estou no processo de colocar em ordem meu amplo acervo, e as relações entre vários dos muitos projetos nos quais tenho estado envolvido ao longo das décadas, e planejando como e para onde quero que meu trabalho vá em seguida. Coloquei meu trabalho artístico nas mãos de um novo e inovador galerista italiano, mas, no momento, meu principal projeto é o estúdio em Xangai, sobre mudanças culturais no mundo pós-Covid, que talvez devam tornar-se permanentes. Encerrei o Planetary Collegium que criei, há vinte anos, na Plymouth University – em seguida da CAiiA, no Caerleon College da University of Wales –, no qual formamos mais de 80 doutorandos. Estou mudando o centro de pesquisa para meu estúdio em Xangai. Claro que ainda há muito a ser feito, para que as autoridades educacionais chinesas aprovelem isso.

Preciso contar a você uma história engraçada: primeiro, divulgamos nossa proposta de doutorado na *DeTao Academy* em redes sociais chinesas, como Weibo, Renren e WeChat, anunciando-a como ela é: essencialmente três encontros por ano; três encontros críticos de 10 dias cada um, com um grupo de colegas doutorandos, ao longo do ano; supervisão *online* contínua; e prevê-se que os alunos pesquisem em casa durante 20 ou mais horas por semana. De alguma forma, a mensagem que foi entendida foi que você pode obter um Doutorado em não mais do que três semanas por ano, no total! Sim, sem mencionar o resto! Foi inevitável que todos achassem isso completamente *Mickey Mouse* – absolutamente ridículo –, apenas três semanas de trabalho por ano! Dessa forma, é claro que não recrutamos um único estudante, mas assim que soubemos do que aconteceu, conseguimos reformular o programa e tornar claras todas as suas exigências. No momento, até conseguirmos a aprovação, não podemos matricular estudantes. Mas isso é algo que eu quero muito realizar, a fim de conectar diversos projetos de estudo, tanto sobre *new media art* e *old art*, quanto sobre conhecimento antigo em cultura chinesa, o qual nós perdemos, de muitas maneiras, no Ocidente. Esse é outro aspecto da minha agenda.

Embora seja, sem dúvida, desaprovado por intelectuais, tenho muito prazer em usar o Facebook como uma espécie de meio de publicação. E devo dizer que, curiosamente (e prazerosamente), um grande número de pessoas interage com o que eu publico, muitas delas da América do Sul, particularmente do Brasil, o que acho muito interessante. Estou interessado em saber por que isso acontece. Não tenho ideia. Mas trata-se de uma forma muito útil de publicação, em muitos aspectos melhor do que aquelas revistas acadêmicas que não são lidas por mais do que meia dúzia de pessoas, que podem pagar as taxas cobradas. É claro que conferências e palestras em carne e osso são úteis, mas eu gosto deste processo Zoom de uso de um meio telemático para divulgar ideias e obter *feedback*, percebendo como as pessoas vêem estas idéias, com acesso imediato a imagens e documentos, sob demanda.

Anja Pratschke: Roy, o futuro lhe parece promissor?

Roy Ascott: Bem, eu acho que o futuro vai ser muito diferente nos diferentes países. Quero dizer que não seria muito correto pensar em uma espécie de desenvolvimento universal. Eu tenho medo da agitação política nos EUA e dos retrocessos no Reino Unido e na Europa. Mas vejo uma emergência esperançosa na África e em partes da Ásia. Estas coisas estão um pouco fora do meu campo profissional, mas, no Reino Unido, neste momento, há um grande retrocesso, politicamente, muito sério, muito muito sério. Podemos não querer fazer uma discussão política estreita e parcial sobre isso agora, mas a espinha dorsal do socialismo, aquilo que costumávamos chamar de classe trabalhadora, foi muito enganada pelo atual partido no poder – os Conservadores. O socialismo tem sido muito maltratado pela imprensa, que, é claro, pertence, na sua totalidade, a interesses capitalistas. E assim o socialismo, em vez de ser entendido como o caminho a ser seguido pelos povos, é de alguma forma persuasivamente apresentado a eles como um impedimento! E assim, temos muitos trabalhadores votando a favor do capitalismo. Tem sido muito extraordinário. Os Conservadores têm agora uma enorme vantagem e uma votação esmagadora, desmontando a [relação do povo com a] União Européia, e aviltando a harmonia nacional.

Do meu ponto de vista, pessoas completamente irresponsáveis estão liderando o país. É uma situação muito grave, agravada, é claro, infinitamente agravada, pelo que está acontecendo nos Estados Unidos da América. Nada mudou nos EUA, com Biden. A meu ver, eles sempre foram imperialistas, bélicos e abusivos, por um lado. E, por outro lado, as mesmas pessoas – que estão com Biden – estão fingindo opor-se a isso. Temos, portanto, um duplo pesadelo, no qual a percepção externa do novo regime de Biden está simplesmente repetindo a música trumpiana, sem os gestos fascistas, sem gritos e berros, e sem facções armadas visíveis com rifles militares. Desculpe, mas você perguntou, eu tenho que responder assim.

No momento, tudo parece bastante agitado no Ocidente. Tenho muita esperança no modo como as coisas estão se desenvolvendo no Oriente, em especial na China, onde existe um bom equilíbrio entre o incentivo à inovação, ao empreendedorismo, ao teste de novas idéias sociais, bem como economicamente e em relação à indústria, engenharia, arquitetura, etc.. Penso que o modo como isto está funcionando – este tipo de "socialismo de crescimento", ou socialismo com características chinesas, como colocado por Xi Jinping – se

deve ao hábito de as pessoas serem muito mais comprometidas umas com as outras. Há um sentido de grupo muito maior, há aquele sentimento de responsabilidade em relação aos outros.

O Ocidente favorece o guardião solitário, o especial, o singular – caminhando e guiando o caminho, esse tipo de coisas. Há agora uma espécie de equilíbrio entre a iniciativa individual e a consciência coletiva, no desenvolvimento atual da cultura chinesa, que é muito positivo. Eu vejo isso e penso que veremos, por contraste, uma assustadora recessão econômica e cultural no Ocidente. Como produto da Covid-19 e do reiniciar sócio-cultural, podemos talvez ver uma espécie de revisão da ideia socialista, que, nos meus termos, será tecnoética. Tenho esperança, mas acho que enfrentaremos tempos muito muito muito difíceis nos próximos vinte anos, até que isso emerja totalmente. É assim que eu vejo as coisas.

Anja Pratschke: Você gostaria de acrescentar algo que não lhe perguntamos?

Roy Ascott: Eu estou pensando em como nós, coletivamente, entendemos o que está sendo chamado de espiritual. Parece-me que isso está ausente do nosso discurso nos dias de hoje. E onde ele é admitido? Ele é admitido de uma forma arcaica, muitas vezes supersticiosa, intelectualmente regressiva e bastante tola. Eu acredito que a cibernética conduz a muitas perguntas sobre o que é integrado, o que é o todo, quais são as interações, quais são os elementos que interagem.

Estamos deixando escapar algo? Esta compreensão do universo, de nós mesmos, e daquilo que eu acho que costumava ser chamado de espiritual. Essa não é uma palavra que se deva usar em reuniões sociais da elite! Você será imediatamente expulso de qualquer discussão acadêmica, cultural ou política se você tentar introduzi-la. Mas eu quero introduzi-la. Quero reexaminar o que "o espiritual" significa em relação à biologia, física e química, e aos sistemas de comunicação de dados – o que o espiritual significa para nossa compreensão sobre o organismo, o sentido de sociedade, precisamente através do que ambos compartilhamos como ferramenta cibernética, que permite a ideia de sistemas dinâmicos de interação. A questão é essencialmente tecnoética!

Então, sim, eu uso a palavra "espiritual", embora provavelmente tenhamos que encontrar uma nova palavra para tornar seu significado mais universalmente aceitável, algo a ser examinado com urgência e minuciosamente. Mas ela não está em nosso discurso atual e deve, acho eu, ser explorada de forma mais criativa e minuciosa. E o Brasil é o lugar mais maravilhoso para se explorar isso, em termos verdadeiramente humanos e tecnoéticos! Eu diria que sim, absolutamente! Absolutamente!